

reportagem cultural

A diva do samba gaúcho

Gabrieli Silva, especial para o JC *

A voz vinha antes de qualquer registro.

Quem conviveu com Maria Helena Montier costuma lembrar primeiro do impacto: firme, afinada, atravessando o espaço com uma segurança que não se explicava pela idade nem pelo contexto. Uma presença que se impunha – no palco, na quadra, no rádio – como se já estivesse pronta antes mesmo de começar.

Na infância, na paróquia São José do Murialdo, no bairro São José em Porto Alegre, já chamava atenção em apresentações comunitárias. Foi ali que começou a cantar para o público. Fora dali, o impulso se repetia em outros espaços: um circo instalado na cidade, por exemplo, onde pediu para cantar ao passar pela frente – e cantou. Não uma vez apenas, segundo familiares, mas sempre que podia. O palco, desde cedo, parecia uma extensão natural. “Ela nunca teve medo de ir atrás do que queria”, lembra a produtora cultural Sayonara, amiga próxima. “Passava na frente de um circo e decidia que queria ser cantora. E ia.”

Essa naturalidade se confirmou nos primeiros circuitos mais estruturados. Aos seis anos, cantava na igreja; por volta dos nove, já se apresentava com mais frequência e chegava ao rádio ainda jovem. Na adolescência, passou a frequentar os programas de auditório da Rádio Farroupilha – um



Maria Helena Montier foi uma das primeiras mulheres a ser intérprete de escolas de Carnaval em Porto Alegre

dos principais espaços de formação artística da época – e integrou o *Clube do Guri*, apresentado por Ari Rêgo.

Era um ambiente competitivo, de exposição direta, com avaliação ao vivo. Maria Helena se destacava ali com consistência. Vencia, acumulava reconhecimento e dividia espaço com outros nomes que também buscavam projeção. Entre eles, Elis Regina, com quem chegou a dividir premiações e que demonstrava admiração por sua voz. Ainda assim, sua trajetória não foi

registrada com o mesmo destaque nos arquivos da época – um indício das assimetrias que atravessariam sua carreira. “Quando a Elis não ganhava, quem ganhava era a Maria Helena. Ela estava lá, todo domingo, cantando e vencendo. Mas isso não aparece nos registros”, observa Sayonara.

Um dos episódios mais lembrados desse período ajuda a dimensionar o que ela já representava. Em um concurso ligado ao circuito dos programas de auditório – com conexões com produtores de outros

estados e com a gravadora RGE – Maria Helena não estava inscrita. Ainda assim, insistiu para cantar. Era menor de idade e não tinha autorização do pai. Mesmo assim, subiu ao palco. E venceu.

A repercussão foi imediata entre músicos e produtores. Entre os presentes estava o produtor musical Milton Manhães, conhecido como ‘Pezão’ e ligado a projetos de lançamento de novos nomes do samba nos anos 1980, que a definiria como “um diamante a ser lapidado”. A partir dali, sua trajetória começa a se deslocar: deixa de ser apenas uma promessa local e passa a ser vista como uma cantora com potencial de projeção nacional.

Esse movimento se concretizaria mais tarde, no Rio de Janeiro, onde gravou o álbum *Maria Helena* (1987), pela RGE/RJ, e, décadas depois, *Pra Quem Vier* (2018), ambos com produção de Manhães.

Mas antes desse deslocamento, havia outro eixo já consolidado: o Carnaval.

Muito antes da indústria fonográfica, era ali que sua voz já circulava com força. Aos 15 anos, ingressou nas tribos carnavalescas – manifestação singular do carnaval porto-alegrense, marcada pela presença da cultura popular negra e por referências indígenas. Passou por grupos como Comanches, Bororós, Fidalgos e Aristocratas. “Ela tinha trânsito em várias escolas. Onde chegava, ocupava espaço”, lembra o músico e mestre de bateria Nilton Ferreira, que tocou com Maria Helena nos grupos Satirisamba e Fantástico Samba Show.

Na década de 1970, essa pre-

sença se amplia nas escolas de samba. Sua passagem pela Imperadores do Samba se tornaria um marco, especialmente no desfile de 1975, quando a escola foi campeã com o enredo *A apoteose histórica do mundo literário de Jorge Amado*. A interpretação de *Povo Meu*, de Wilson Ney, se fixou como assinatura – uma dessas canções que atravessaram o tempo e permaneceu como referência entre os amantes do carnaval. “Ela eternizou esse samba”, resume Nilton.

Também integrou outras escolas importantes, como Praiana, Bambas da Orgia e Realeza, onde participou da conquista do título em 1983. Em um ambiente majoritariamente masculino, sua presença não era trivial. “Era um espaço difícil, mas ela se impunha. Era respeitada”, afirma o cantor e intérprete Kauby, da escola Imperadores do Samba e amigo próximo da artista.

Paralelamente, sua atuação na música popular se expandia por outros espaços.

A noite, cantava em clubes, bailes e casas noturnas. Integrava grupos como o Fantástico Samba Show – criado por Nilton Ferreira – e o Satirisamba. Dividiu palco com músicos como Odilon, Cabeto, Jair, Neja, Mão do Cavaco e Jorge Carvoeiro, circulando por espaços como a Sociedade Floresta Aurora e clubes da região metropolitana.

O repertório era amplo: samba, música popular brasileira e interpretações de artistas como Martinho da Vila, Chico Buarque, Alcione e Nelson Cavaquinho. “Ela tinha uma voz privilegiada, de grande alcance. Sempre se destacava em tudo que fazia”, recorda o Mestre Nilton.

Esse período coincide com a consolidação do samba-exaltação no Rio Grande do Sul – um estilo de forte apelo coletivo, ligado diretamente ao desfile. Maria Helena se destacou nesse contexto por uma interpretação potente, de grande projeção vocal e densidade emocional. Dialogava com referências como Clara Nunes e Maria Bethânia, sem perder a identidade própria.

Em determinado momento, no entanto, sua trajetória se desloca novamente. Na vida adulta, afasta-se dos palcos. Casa, tem filhos e reorganiza a vida fora da música. Forma-se técnica de enfermagem e ingressa no serviço público. Ainda assim, nunca deixa de cantar. “Ela dizia: ‘se a vida está difícil, então eu vou trabalhar mais’”, lembra Sayonara.



Maria Helena Montier à frente do Grupo Satirisamba, que agitou durante anos as noites nos bailes e clubes da Capital

ARQUIVO PESSOAL MARIA HELENA MONTIER/REPRODUÇÃO/JC